



O projeto ORFEUS e a morfologia das arquiteturas de Cister em Portugal

ANA MARIA TAVARES MARTINS

Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da
Universidade da Beira Interior

Lab2PT, CIDEHUS

amtfm@ubi.pt

RESUMO

Este artigo reflete o trabalho desenvolvido no Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade da Beira Interior, no âmbito da Arquitectura Cisterciense, destacando-se a pertinência do Projeto ORFEUS - A Reforma tridentina e a música no silêncio claustral: o mosteiro de S. Bento de Cástris (Projecto FCT EXPL/EPH-PAT/2253/2013). A instituição proponente foi a Universidade de Évora, através do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS), sendo a Universidade da Beira Interior uma das instituições parceiras conjuntamente com a Universidade do Minho e a Universidade dos Açores. Através desta linha de investigação na UBI, aprofunda-se a investigação no âmbito da Arquitectura Cisterciense, como um sistema, permitindo chegar a conclusões através da inter-relação dos vários exemplos de Mosteiros daquela em Portugal. Aqui, apresenta-se a dualidade espacial patente entre os diversos coros monásticos cistercienses: femininos e masculinos.

PALAVRAS- CHAVE

Ordem de Cister, Arquitetura Cisterciense, Coro Monástico.

ABSTRACT

This paper reflects the work that has been developed at the Department of Civil Engineering and Architecture at the University of Beira Interior, in the context of Cistercian Architecture, highlighting the relevance of the project ORFEUS - The Tridentine Reform and the music in the cloistral silence: the Monastery of St. Benedict of Cástris (Project FCT EXPL/EPH-PAT/2253/2013). Through this research line in UBI, stimulated by the ORFEUS Project, deepened the investigation within the Cistercian Architecture, as a system, allowing to reach conclusions through the interrelation of various examples of Cistercian monasteries in Portugal, being in this paper presented the space duality between the various Cistercian monastic choirs: male and female.

KEYWORDS

Cistercian Order, Cistercian Architecture, Monastic Choirs

INTRODUÇÃO

O encontro de instituições com uma grande ideia pode conduzir a um excelente projeto de investigação como se relata adiante, envolvendo centros de investigação, universidades, autarquias, museus e associações. Investigadores de diversa origem colaboraram em várias oficinas, congressos nacionais e internacionais, no projeto ORFEUS para que o mesmo tivesse sucesso. Além das publicações, foi possível desenvolver temas no âmbito académico particularmente de mestrado e cremos de doutoramento no futuro. A historiografia de Cister ficou mais rica e o património que a Ordem deixou mais publicitado e preservado

A GÉNESE E O SUCESSO DE UM PROJETO SOBRE A ORDEM DE CISTER

Em Março de 2012, a Universidade da Beira Interior (UBI), através do Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura (DECA) e do Departamento de Letras, juntamente com a Associação Portuguesa de Cister (APOC), em colaboração com a Abadia de Santa Maria de Oseira (Galiza, Espanha) e com o Museu de Lanifícios (UBI, Covilhã) organizaram o *I Simpósio Internacional Espaços de Cister: Arquitetura*. Este Simpósio pretendeu alertar a comunidade científica e sobretudo os arquitetos e todos os que trabalham com o Património para a particularidade deste bem cultural e arquitetónico que é o legado cisterciense. Desapareceram os monges em 1834, mas os edifícios que habitaram mantiveram-se: uns adaptados a novos usos, outros alvos do infortúnio encontrando-se em ruína. Na atualidade, o legado arquitetónico cisterciense é alvo de reabilitação segundo os moldes da contemporaneidade. Pretendeu-se com aquele evento apresentar diversos estudos de caso portugueses e internacionais e explorar a linguagem arquitetónica e os princípios estéticos subjacentes à arquitetura cisterciense, seja a do séc. XII ou a aplicada no século XXI. Houve campo de discussão multidisciplinar, partilha de saberes e experiências.

Em Setembro de 2013, integrada nas Jornadas Europeias do Património JEP'2013, surge a *I Residência Cisterciense* proposta para o mosteiro de S. Bento de Cástris organizada pelo CIDEHUS, pelo CHAIA e pela DRCAentejo, e com a colaboração de diversas instituições, entre as quais a Universidade da Beira Interior, a Universidade de Évora, a Universidade de Sevilha, o Lab. Hercules, o CITAD, o CEHR, a APOC, o CITCEM, o CEHUM, o CHC e o CHSC. Este evento teve como objetivo primordial reinventar, na contemporaneidade, a densidade histórica do discurso cisterciense, integrando a geografia do mosteiro eborense numa mais ampla geografia da Ordem de Cister. Inspirada nas questões da História, da Arte, do Património e da Paisagem cistercienses, a Residência, regida pelo ritmo do quotidiano da Regra Beneditina, apostou na vivência dos espaços do mosteiro e no debate de questões atuais ligadas aos espaços monásticos e ao seu futuro. Esta *I Residência Cisterciense de S. Bento de Cástris* foi dedicada ao Silêncio, as suas linguagens e significados em domínios vários, colorido pelo devir natural dos tempos e espaços do mosteiro, por oficinas exploratórias das potencialidades do mosteiro enquanto vasto espaço patrimonial e por narrativas abertas apelando à criatividade e à contemporaneidade, tendo sido este o denominador comum da iniciativa. É de referir que a arquitetura monástica é um nicho de investigação, abrangente e transversal que, no que respeita à investigação em Arquitetura e Engenharia, começa a dar os primeiros passos no nosso país. Aquele e este evento foram fundamentais para que surgisse o interesse de uma equipa coesa para a submissão de um projeto exploratório à FCT no âmbito de Cister e mais particularmente centrado no Mosteiro de S. Bento de Cástris. A inclusão da Universidade da Beira Interior nesta linha de investigação surge no seguimento da participação ativa desta instituição na organização de dois eventos científicos que alavancaram a participação da mesma na submissão da candidatura do Projecto ORFEUS - “A Reforma Tridentina e a música no silêncio claustral: o mosteiro de S. Bento de Cástris” à FCT (FCT EXPL/EPH-PAT/2253/2013). De igual modo, a parceria e investigação no âmbito de S. Bento de Cástris foi apresentada na comunicação conjunta “Dos Claustros Cistercienses Portugueses: a especificidade de S. Bento de Cástris” da autoria de Antónia Conde ao *Encontro Internacional sobre Claustros*

no *Mundo Mediterrânico (Séc. X-XVIII)*, organizado pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no Museu Nacional de Arte Antiga em junho de 2013. Tendo como ponto de partida a investigação realizada no âmbito de duas teses de doutoramento, uma em História e outra em Arquitetura, na vertente Reabilitação do Património Arquitetónico e Urbano, que se debruçaram sobre a temática cisterciense portuguesa, uma sobre o Mosteiro Cisterciense de S. Bento de Cástris, em Évora (Conde 2004), e outra sobre as Arquitecturas de Cister em Portugal (Martins 2011) e um centro de investigação comum, o CIDEHUS, foi apresentada uma visão interdisciplinar e de conjunto de todos os claustros cistercienses em Portugal, destacando a especificidade do Mosteiro de S. Bento de Cástris.

Em 2014, esta parceria foi aprofundada em vários eventos: Em março, no Palácio do Vimioso com *Olhares Cruzados sobre o Património Cultural*. Em junho, em Leeds, na sessão 730 de *Cistercian Studies, III: From Order to Congregation - The Legacy of the Portuguese Cistercian Monasteries no "International Medieval Congress 2014"* com o apoio da "Cîteaux: Commentarii cistercienses" tendo sido moderadora Terryl N. Kinder, a editora-chefe da "Cîteaux: Commentarii Cistercienses". Ainda neste ano, estando já a decorrer o Projecto ORFEUS, destaca-se a organização de dois eventos científicos em que este é promotor: o *Seminário Internacional Arte, Música e Devoção nos Mosteiros da Ordem da Cister*, organizado pela Casa Museu de Monção / Universidade do Minho e pelo Projecto ORFEUS; e *A Reforma Tridentina e a música no silêncio claustral: o mosteiro de S. Bento de Cástris* com apoio do CIDEHUS e das Universidades da Beira Interior, Açores e Évora, Monção – Portugal: Casa Museu de Monção. Em 19 e 20 de setembro, realiza-se a *II Residência Cisterciense em S. Bento de Cástris - A Estética, o Espaço e o Tempo. Reflexos da Contra-Reforma na praxis música* e em 20 e 21 de novembro, realiza-se *II Simpósio Internacional Espaços de Cister: Arquitetura e Música na Faculdade de Engenharia da Universidade da Beira Interior*. Destaca-se ainda a divulgação do Projecto ORFEUS como parte integrante da Exposição Documental "Espaços de Cister" que teve lugar no Núcleo da Real Fábrica de Panos do Museu de Lanifícios (UBI, Covilhã) que decorreu de 20 de Novembro a 5 de Janeiro de 2015. No início de 2015, como resultado do referido trabalho multidisciplinar, o Projecto foi divulgado no livro da editora italiana ABEditore "Proceedings ICNMC 2015, 1st International Conference on New Music Concepts." com o título "Cistercian Monastery of S. Bento de Cástris, Évora, Portugal: Acoustic measurements under ORFEUS Project" (Lanzinha, Nepomuceno, Martins, Reis, Alves 2015).



Fig. 1 – Igreja do Mosteiro do S. Bento de Cástris durante o ensaio acústico (fotografia da autora)

Em Março de 2015, o interesse gerado pelo Projecto ORFEUS, permitiu a sua apresentação no “Seminario de Formación Continua: Sevilla, ciudad conventual - patrimonio urbano y arquitectónico, dentro del Aula de la Experiencia de la Universidad de Sevilla” a convite da Universidade de Sevilha.

Quanto ao sucesso do projeto em provas académicas, confirma-se que em 2014 foram elaboradas na Universidade da Beira Interior e realizadas as provas públicas de duas dissertações de Mestrado (Rodrigues 2014 e Reis 2014), na área científica de Arquitectura. Com base nestas dissertações e pela constatação de que a igreja do Mosteiro de S. Bento de Cástris apresentava uma tipologia de configuração de espaços pouco comum foi necessário elaborar um ensaio na respetiva igreja para explorar as condições acústicas (Fig. 1) da mesma. Esta fase do trabalho apenas foi possível concretizar-se com a cedência de equipamentos do Laboratório de Saúde na Edificação (LABSED) do Ubimedical o que permitiu que resultassem artigos e comunicações conjuntas. Como continuação do trabalho desenvolvido está ainda a ser elaborado um estudo da luz natural na Igreja de S. Bento de Cástris. Foi igualmente a partir deste momento que o Lab2PT se associou ao trabalho desenvolvido pela UBI, no âmbito da investigação de cariz cisterciense.

Note-se que o trabalho desenvolvido, ainda que o projeto chegue ao seu término temporal, tem continuidade neste artigo e noutros trabalhos que se iniciarão sobre esta temática. Neste sentido, destaca-se a organização da *III Residência Cisterciense de S. Bento de Cástris – vida privada, quotidianos e cultura material* em Setembro de 2015, integrada nas *Jornadas Europeias do Património 2015* e no âmbito do *Ano Internacional da Luz* e, em dezembro de 2015, a Sessão Temática 14 que faz parte integrante do “ICEUBI2015 – International Conference on Engineering – Engineering for Society”, organizado pela

Faculdade de Engenharia da Universidade da Beira Interior com o apoio da reitoria da UBI e da Ordem dos Engenheiros.



Fig. 2 – Capa do CD resultante do Projecto ORFEUS (Equipa Projecto ORFEUS, 2015)

O evento tem por objetivo divulgar a contribuição e interesse da Engenharia e Arquitetura para a Sociedade, fomentando o contacto entre investigadores e profissionais de diferentes áreas de Engenharia e possibilitando a divulgação das suas atividades de investigação, de inovação e desenvolvimento, junto dos vários sectores de atividade económica.

De igual modo, em Setembro de 2016, integrada nas *Jornadas Europeias do Património 2016*, foi organizada *IV Residência Cisterciense de S. Bento de Cástris – O Mosteiro e a Cidade*. Neste evento, foi lançado o e-book *Do Espírito do Lugar - Música, Estética, Silêncio, Espaço, Luz*, destacando-se dois capítulos a cargo de autores da UBI (Lanzinha, Nepomuceno, Martins, Reis, Alves 2016 e Martins, Conde, Carlos, Rodrigues, Reis 2016).

A MORFOLOGIA DAS ARQUITETURAS DE CISTER EM PORTUGAL

A Ordem de Cister foi introduzida em Portugal no séc. XII num momento em que a Ordem ainda se encontrava na primeira fase de expansão e Portugal começava a desenvolver-se enquanto nação. O Mosteiro de S. João de Tarouca é tradicionalmente apontado como primeiro a ser fundado em 1143-1144 e o último, Nossa Senhora da Assunção de Tabosa em 1685 (Cocheril 1978: 57 e 99). As fundações e filiações de Cister em Portugal estiveram desde o início associadas a objetivos de ocupação e de administração do território, sobretudo durante o nascimento e a criação da Nacionalidade. A estes objetivos, associaram-se coesão e interligação, não só a nível territorial, como também cultural e civilizacional, sendo o mosteiro cisterciense, no contexto português, também um meio de afirmação e defesa do território. Este facto permite compreender a vasta escala de ocupação do território, a extensão dos seus domínios e as áreas de influência. Deve-se ter em atenção que os mosteiros cistercienses em Portugal se encontravam vinculados a Claraval, definindo-se uma tipologia de lugar tanto em mosteiros femininos como masculinos.

Se o Claustro é o epicentro do Mosteiro, em termos arquitetónicos e funcionais, a Igreja é o coração, o epicentro do “*corpus*” monástico, que faz pulsar o sangue que flui para o “*ora et labora*”, o centro anímico e espiritual do mosteiro. A igreja encontrava-se orientada em direção ao levantar do sol, a oriente, e era implantada no ponto mais elevado do vale. A sul, encontravam-se ancoradas as demais dependências monásticas (Martins 2011).

De um modo geral, a igreja cisterciense possui uma planta em cruz latina, disposta na maior parte dos casos no lado norte do mosteiro, assim como apresenta uma abside tradicionalmente direcionada a oriente. Deste modo, em forma de cruz latina, a igreja era composta geralmente por três naves, sendo a nave central subdividida no coro dos monges ou *chorus monachorum*, antes do transepto, e no coro dos conversos ou *chorus conversorum*. O coro dos monges ocupa assim as primeiras arcadas da nave central (Fig. 3), diante da capela-mor, e presbitério, seguindo-se o coro dos conversos, também apelidado de retrocoro, que se encontrava separado por uma tribuna ou jubeu. Presbitério ou *presbiterium* é também o nome pelo qual se designa a capela-mor, ou melhor o espaço que circunda o altar-mor e que ganha importância sobretudo a partir do século XVI, no seguimento do concílio de Trento (1545-1563), assim como outros elementos tais como o púlpito, as capelas laterais e o órgão (Dias 2006).



Fig. 3 – Mosteiro de S. João de Tarouca, coro dos monges (fotografia da autora)

O jubeu separa assim os coros de monges e de conversos sendo o lugar a partir do qual se cantavam os salmos de vigílias e se faziam as leituras da epístola e do evangelho. Os monges enfermos sentavam-se junto ao jubeu e os conversos enfermos sentavam-se próximos do lado poente da igreja. Os elementos exteriores à comunidade estavam confinados ao lado ocidental da igreja e às naves laterais.

No que respeita à igreja, na Regra de S. Bento, apenas se encontra como referência: “O oratório seja o que o seu nome indica e nenhuma outra coisa ali se faça ou guarde. Findo o Ofício Divino, saiam todos em profundo silêncio, possuídos de reverência para com Deus; de modo que, se algum irmão quiser continuar a orar em particular, não seja estorvado pela impertinência de outrem.” (RSB: cap. LII). Segundo S. Bento, o mosteiro é “...uma escola do serviço do Senhor.” (RSB: Prólogo) e a Igreja assume-se como ponto fulcral deste microcosmos pois é nela que o monge encontra o sentido da sua vida e concretiza a sua vocação estando em comunhão com Deus através do ofício divino e da liturgia.

A utilização da igreja difere em muito das outras ordens monásticas pois os desenvolvimentos da liturgia com as suas missas de intercessão e procissões foram reduzidos de modo avassalador. As consequências desta diferente utilização são perceptíveis no extremo oriental do edifício pois deste modo a capela-mor é quadrangular

ladeada por duas capelas alinhadas, ao contrário das outras igrejas onde existiam deambulatórios e capelas radiais, assim como transeptos elaborados. A nave central é frequentemente iluminada por várias aberturas nos tramos perpendiculares ao eixo da igreja (Kinder 1998: 92-93). Com o decorrer do tempo, também a própria planta da igreja se vai adaptando a distintos territórios, evoluindo para outras soluções construtivas e novas espacialidades de cunho regional do meio onde se inserem.

Nos mosteiros femininos, o coro apresenta-se de modo distinto pois as monjas estavam obrigadas ao completo isolamento não só do sacerdote como dos demais assistentes do ofício. Assim, o coro monástico feminino (Fig. 4) era separado por uma grade, a grade de clausura, ou mesmo por uma parede divisória dos restantes espaços da igreja ou então localizava-se numa galeria sobrelevada (Fig. 5) em relação à igreja (Kinder 1998: 99). O coro das monjas conforma-se no local oposto ao altar-mor, afirmando-se ambos os espaços como dois polos de fervor religioso (Borges 1998: 55).



Fig. 4 – Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre, grade e coro baixo (fotografia da autora)



Fig. 5 – Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre, grade e coro baixo (fotografia da autora)

O cadeiral conforma por fim o coro, sendo de cariz simples ou exuberante podendo assumir diversas disposições: simples, complexa, de fiada simples ou dupla em linha ou em U (gráfico). O cadeiral (Fig. 6), fosse de cariz simples ou complexo, seria composto por assento, misericórdia, apoia-mãos, espaldar e coroamento superior, platibandas de apoios de livros (Reis 2004).



Fig. 6 – Mosteiro do Lorvão, cadeiral do coro das monjas (fotografia da autora)

Deste modo, compreende-se que a entrada do templo não seja axial, como nos masculinos, mas sim lateral. No caso dos mosteiros femininos, cujo coro se encontrava sobre-elevado, a entrada poderia ser axial tal como nos mosteiros masculinos. Assim, no que respeita aos mosteiros cistercienses femininos, apresentam-se três tipos de entradas na igreja:

I. Acesso lateral — São deste tipo os mosteiros cujo acesso de elementos exteriores à comunidade se faz por uma porta lateral rasgada diretamente na parede da Igreja, casos dos mosteiros de Santa Maria de Cós, Nossa Senhora da Assunção de Tabosa e S. Pedro e S. Paulo de Arouca (Martins 2011: 339).

II. Acesso através de loggia — São deste tipo os mosteiros cujo acesso, de elementos exteriores à comunidade, se faz através de uma loggia que conduz a uma porta lateral rasgada diretamente na parede da Igreja, casos dos mosteiros de Santa Maria de Almoester (vestígios), S. Dinis de Odivelas e S. Bernardo de Portalegre (Martins 2011: 340).

III. Acesso indireto com antecâmara — São deste tipo os mosteiros cujo acesso de elementos exteriores à comunidade se faz através de uma antecâmara prévia que conduz à porta da Igreja do mosteiro. São deste tipo os Mosteiros de Santa Maria de Celas, S. Mamede do Lorvão, S. Bento de Cástris e Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo (Martins 2011: 340).

O transepto confinava com a abside retangular. De carácter sólido e austero, era no presbitério que se celebrava a eucaristia. O transepto permitia dotar a igreja de uma maior espacialidade e luminosidade, permitia também acolher capelas nos seus braços (Kinder 1998: 109). Habitualmente a igreja não estava aberta ao público. No entanto existia uma entrada específica destinada a elementos exteriores à comunidade na fachada principal da igreja que era o pórtico ou nártex. O nártex assinala a passagem do mundo terreno ao local de culto sagrado. Os cistercienses reduziram o pórtico à sua expressão mais simples ao contrário dos cluniacenses. Porém, alguns mosteiros cistercienses apresentam um nártex significativo, facto apenas compreendido pelas influências arquitetónicas do local e região onde se inseriam.

No que respeita à igreja como um todo, nos mosteiros cistercienses portugueses que chegaram até à contemporaneidade, pode-se observar uma vasta utilização de tipologias não ficando apenas vinculada à métrica e desenho claravalense o que vem, uma vez mais, demonstrar a existência de um plano tipo subjacente, mas com espaço para a singularidade regional e para a liberdade formal. Assim, tanto no que respeita aos mosteiros femininos como aos mosteiros masculinos, encontram-se plantas monoaxiais, biaxiais e centralizadas. Deste modo, os mosteiros femininos portugueses pertencentes à Ordem de Cister apresentam a igreja segundo três tipos distintos, conforme a configuração da sua planta:

I. Monoaxial — São deste tipo as igrejas dos mosteiros cuja planta apresenta um único eixo, não possuindo transepto. As igrejas podem ser monoaxiais simples se possuírem apenas uma nave ou complexas se possuírem mais do que uma nave. No caso português, apresentam três naves. São do tipo monoaxial simples, com apenas uma nave, as igrejas dos Mosteiros de S. Pedro e Paulo de Arouca, Nossa Senhora da Assunção de Tabosa, S. Mamede de Lorvão, Santa Maria de Cós, S. Dinis de Odivelas, Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo. É do tipo complexo, com três naves, a igreja do Mosteiro de Santa Maria de Almoester (Martins 2011: 350-351).

II. Biaxial — São deste tipo as igrejas dos mosteiros cuja planta apresenta dois eixos, possuindo deste modo transepto. As igrejas monásticas femininas deste tipo apresentam-se como biaxiais simples, isto é, possuindo apenas uma nave e um transepto. São do tipo biaxial simples as igrejas dos Mosteiros de S. Bento de Cástris e de s. Bernardo de Portalegre (Martins 2011: 352).

III. Centralizada — São deste tipo as igrejas dos mosteiros cuja planta apresenta um foco central. No caso das igrejas monásticas femininas, estas apresentam apenas um foco associado a uma circunferência enquanto as igrejas monásticas deste tipo apresentam mais do que um foco pois as suas plantas são elípticas. Deste tipo, apenas o Mosteiro de Santa Maria de Celas apresenta uma planta centralizada (Martins 2011: 352).

Tal como os mosteiros femininos portugueses, pertencentes à Ordem de Cister, também os mosteiros masculinos portugueses, pertencentes à mesma Ordem, apresentam a igreja segundo três tipos distintos, segundo a sua planta:

I. Monoaxial — São deste tipo as igrejas dos mosteiros cuja planta apresenta um único eixo, não possuindo transepto. Como já foi referido para os mosteiros femininos, de igual modo, as igrejas podem ser monoaxiais simples se possuírem apenas uma nave ou complexas se possuírem mais do que uma nave. No caso português, apresentam três naves (Martins 2011: 353-354). São do tipo monoaxial simples, apenas uma nave, as igrejas dos Mosteiros de Santa Maria do Ermelo, tendo em tempos pertencido ao tipo complexo pois ainda se podem observar as marcas de três naves, agora adaptadas às mais diversas necessidades de uma igreja de província, tendo mesmo desaparecido uma das naves (Braz 2009), Santa Maria das Júnias, S. Pedro das Águias, o velho e o novo, Colégio do Espírito Santo, Santa Maria da Estrela e S. Paulo de Almaziva. É do tipo monoaxial complexo de três naves a igreja do Mosteiro de Santa Maria de Fiães (Martins 2011: 353-354).

II. Biaxial — São deste tipo as igrejas dos mosteiros cuja planta apresenta dois eixos, possuindo assim transepto. As igrejas monásticas masculinas deste tipo apresentam-se como biaxiais complexas, isto é, possuindo um corpo de três naves e um transepto. São do tipo biaxial complexa as igrejas dos Mosteiros de Santa Maria de Alcobaça, Santa Maria de Salzedas, Abadia velha de Salzedas, S. João de Tarouca, Santa Maria de Aguiar, Santa Maria de Seixa (vestígios) (Martins 2011: 355-356). Considera-se uma exceção a planta do Mosteiro de Santa Maria do Bouro pois os braços do transepto estão perfeitamente integrados na sequência de nichos de capelas laterais. No entanto, como estas capelas apresentam passagens de umas para as outras, pode-se admitir a existência em ambos os lados da nave central de uma nave colateral, perfazendo assim as três naves que juntamente com a existência de um transepto fazem parte desta tipologia (Martins 2011: 355).

III. Centralizada: São deste tipo as igrejas dos mosteiros cuja planta apresenta um foco central. No caso das igrejas monásticas femininas, estas apresentam mais de um foco associados a uma forma elíptica enquanto as igrejas monásticas femininas deste tipo apresentam apenas um foco. São possuidores de planta centralizada os Mosteiros de S. Cristóvão de Lafões e Santa Maria de Maceira Dão (Martins 2011: 357).

CONCLUSÃO

Desta forma, a comunicação apresentada e aqui desenvolvida reflete o trabalho no Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade da Beira Interior, e ainda em curso, no âmbito do Projecto ORFEUS - A Reforma tridentina e a música no silêncio claustral: o mosteiro de S. Bento de Cástris (Projecto FCT EXPL/EPH-PAT/2253/2013), tendo sido trazido a debate um contributo para o estudo da especificidade do Mosteiro de S. Bento de Cástris, no contexto da arquitectura cisterciense e da dualidade morfológica dos Mosteiros femininos e dos Mosteiros masculinos abrindo premissas para a continuidade deste estudo. Salienta-se ainda a existência de toda a base de dados do projeto acessível online em www.orfeus.pt e a de um CD (Fig. 1) com as gravações “in loco” do legado musical do Mosteiro de S. Bento de Cástris como os principais ‘outputs’ do Projecto ORFEUS.

BIBLIOGRAFIA

Borges, N. C. (1998). Arquitectura Monástica portuguesa na época moderna (notas de uma investigação). In MUSEU, IV série nº7.

Braz, A. (2009) O Mosteiro e a Igreja de Ermelo. Braga: FT – Braga (Universidade Católica Portuguesa).

Cocheril, Dom Maur (1978). Les Abbayes Cisterciennes du Portugal. Paris: FCG, Centro Cultural Português.

Conde, M.A.F. (2004) Monaquismo Feminino Cisterciense entre os séculos XVI e XVIII. S. Bento de Cástris. Tese de doutoramento apresentada na Universidade de Évora, Évora.

Dias, G.C (2006). Os Mosteiros e a organização dos Espaços: Arquitectura e Espiritualidade, texto inédito policopiado.

Kinder, Terryl N. (1998). I Cisterciensi – vita quotidiana, cultura, arte. Milano: Editoriale Jaca book spa.

Lanzinha, J.C.G., Nepomuceno, M.C.S., Martins, A.M.T., Reis, Carla P.L. e Alves, A.A.S. (2015). Cistercian Monastery of S. Bento de Cástris, Évora, Portugal: Acoustic measurements under ORFEUS Project. Proceedings ICNMC 2015, 1st International Conference on New Music Concepts. Milan: ABEditore.

Lanzinha, J.C.G., Nepomuceno, M.C.S., Martins, A.M.T., Reis, Carla P.L. e Alves, A.A.S. (2016). Metodologia para avaliação exploratória do comportamento acústico da Igreja do Mosteiro de S. Bento de Cástris, Évora. Do Espírito do Lugar - Música, Estética, Silêncio, Espaço, Luz - I e II Residências Cistercienses de São Bento de Cástris (2013, 2014). Évora : Publicações do CIDEHUS.

Martins, Ana Maria Tavares Ferreira (2011). As Arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no Território. Tese de doutoramento apresentada na Universidade de Sevilha. Sevilha: Universidad de Sevilla.

Martins, A.M.T., Conde, A., Carlos, J. S., Rodrigues, F., Reis, C. (2016). Contributos para o estudo da arquitectura cisterciense, em Portugal, no âmbito do Projecto ORFEUS: forma e música. Do Espírito do Lugar - Música, Estética, Silêncio, Espaço, Luz - I e II Residências Cistercienses de São Bento de Cástris (2013, 2014). Évora : Publicações do CIDEHUS.

Regra do Patriarca S. Bento (trad. do latim pelos Monges de Singeverga). Singeverga: Edições “Ora & Labora”.

Reis, C.P.L. (2014) Mosteiro de São Bento de Cástris Música Vs. Arquitectura. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Rodrigues, F.G.(2014). A Influência da Arquitetura Cisterciense na Arquitetura Religiosa Contemporânea. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

SIGLAS

APOC – Associação Portuguesa de Cister

CEHR – Centro de Estudos de História Religiosa

CEHUM – Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho

CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística

CHC – Centro de História da Cultura (FCSH/NOVA)

CHSC - Centro de História da Sociedade e da Cultura (Universidade de Coimbra)

CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (Universidade de Évora)

CITAD - Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design

CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

DRCalentejo – Direcção Regional da Cultura do Alentejo

Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território (Universidade do Minho)

UBI – Universidade da Beira Interior